

**Contato linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, *language shift* e *code-switching*.**

Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF-CNPq)

Mario Luis Monachesi Gaio (UFF-CAPES)

Marcionilo Euro Carlos Neto (UFF-CAPES)

RESUMO: Neste trabalho propomos uma breve revisão bibliográfica de conceitos e tipos de contato de línguas (CL), a partir de estudos clássicos e de estudos que discutem fenômenos do contato pelos efeitos que o mesmo provoca. Delimitamos a discussão ao contexto de imigração no Brasil e selecionamos três situações de CL para exemplificar (imigração germânica, italiana e japonesa). Ilustramos, dentro de uma perspectiva teórica e metodológica, os fenômenos da manutenção/revitalização linguística, *language shift* e *code-switching*, com pesquisas realizadas no LABPEC-UFF e no Programa de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

Palavras-chave: Línguas em/de contato; línguas de imigração; revitalização linguística; *language shift*; *code-switching*

## **Introdução**

Contato linguístico ou contato de línguas (doravante CL) vem sendo tema de estudos há mais de um século. Muysken (2013) afirma que o estudo do CL teve início efetivamente como um ramo da linguística histórica, particularmente no trabalho de Hugo Schuchardt<sup>1</sup> de 1890. Os efeitos do contato vêm sendo objeto de pesquisa desde antes dos primeiros estudos científicos de linguística. Durante o auge dos estudos em linguística histórica, ainda no séc. XIX, o CL era parte integral desse campo de pesquisa e teve papel fundamental nos debates acerca da natureza da mudança linguística. Já no séc. XX, com os avanços do estruturalismo, deixou de ser o centro das atenções, embora jamais tenha ficado à margem das pesquisas (WINFORD, 2003).

Neste trabalho apresentamos uma breve discussão sobre conceitos e efeitos do contato de língua. Ilustramos alguns fenômenos identificados em situações de contato em contexto de imigração no Brasil: imigração germânica, italiana e japonesa. Tratamos de processos de manutenção, perda e/ou revitalização de línguas e culturas.

A vasta bibliografia sobre o tema confirma a complexidade dos estudos sobre CL, que são objeto de estudo de diversas disciplinas, tais como linguística, antropologia, história, geografia, psicologia, psicanálise, política, entre outras. Cada situação de contato é única, social e individualmente, e é delimitada pelo contexto de aquisição das línguas e pelo seu uso em diferentes situações de comunicação que podem vir a provocar fenômenos de manutenção, perda e/ou revitalização das línguas envolvidas na situação de contato.

A obra seminal de Weinreich (1953) é reconhecida por muitos como marco dos estudos na área de CL, quando o autor, dentro de uma perspectiva linguística, propõe analisar o CL a partir de diferentes tipos de bilinguismo. Utilizando a noção de signo linguístico de

---

<sup>1</sup> Cf. Muysken (2013)

Saussure, Weinreich identifica três tipos de bilinguismo: o bilinguismo ‘coordenado’, o ‘composto’ e o ‘subordinado’. No bilinguismo ‘coordenado’ o falante bilíngue mantém os sinais linguísticos separados, há domínio de dois sistemas linguísticos; no ‘composto’, o falante distingue os sistemas sonoros, mas não os significados, e pode haver emprego da estrutura de uma língua no uso da outra; no ‘subordinado’ a segunda língua é sempre usada com base na estrutura da primeira.

Ainda na década de 50 do século passado, Haugen (1959; 1971) também se torna um expoente para os estudos sobre CL quando propõe que o tema pode ser analisado a partir de uma perspectiva ecológica, ao apresentar o conceito de ‘ecologia da língua’ (*ecology of language*), e de uma perspectiva política, quando introduz o conceito de ‘*language planning*’, conceito este que foi elaborado por outros autores na década de 60 e deu origem ao termo ‘*language policy*’ (SAVEDRA; LAGARES, 2012). A Ecologia da Língua, definida como o estudo das interações entre qualquer língua e seu meio ambiente, inaugura os estudos de ecolinguística. Segundo o autor, o meio ambiente de uma língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. Ao afirmar que a língua só existe nas mentes de seus usuários, e que ela só funciona quando relaciona esses usuários uns aos outros e ao seu ambiente social e natural, Haugen retoma a asserção de Weinreich (1953): o verdadeiro CL acontece na mente das pessoas.

Neste trabalho não apresentamos uma revisão detalhada dos estudos que sucederam os autores já citados, nem pretendemos discutir o CL como objeto de estudo de diferentes disciplinas ou áreas específicas. Propomo-nos a uma breve revisão bibliográfica dos principais conceitos e efeitos do CL, a partir de trabalhos recentes que já propõem uma revisão sobre o tema.

## 1. Fenômenos e efeitos do CL: uma breve revisão

Autores anglófonos costumam usar terminologias diferentes indistintamente para tratar do mesmo tema, tais como *language contact* (THOMASON, 2001) e *contact linguistics* (WINFORD, 2003), sendo que este último possa sugerir a tradução ‘linguística de contato’, o que pode ser compreendido como um campo de estudo mais amplo, no qual o CL esteja inserido. De fato, tudo vai depender da abordagem dada a cada estudo.

Línguas entram em contato em todo o tempo e o tempo todo. Toda língua é produto de contato entre línguas. Ao sugerir que o CL é o uso de mais de uma língua no mesmo lugar e ao mesmo tempo, Thomason (2001, p. 1) aponta para a fragilidade desse conceito ilustrando o exemplo de dois grupos de viajantes, de línguas diferentes, ocupando ao mesmo tempo a cozinha de um *youth hostel*. A situação se enquadra na definição, porém, se não houver interação entre os grupos, não haverá CL. Já Mufwene (2008, p. 17) afirma que “a coexistência de duas populações na mesma área geográfica não é condição suficiente para que haja CL. Essas populações precisam interagir entre elas<sup>2</sup>.” As línguas não entram diretamente em contato. São os povos, ou os indivíduos falantes de línguas que entram em contato. O verdadeiro CL acontece na mente dos indivíduos, dos falantes (WEINREICH, 1953; MUFWENE, 2008; COUTO 2009).

---

<sup>2</sup> Tradução nossa. Citação original: “... the coexistence of two populations in the same geographical area is not a sufficient condition for language contact. They must interact with each other.”

Winford (2003) classifica os contatos em três grandes categorias: os que envolvem manutenção de língua, os que envolvem *language shift* e os que levam à criação de novas línguas a partir do contato, os pidgins e crioulos. Essa última categoria vem sendo objeto de amplos estudos. Novas línguas criadas a partir da mistura de duas ou mais línguas que entram em contato costumam não ter o mesmo status das línguas chamadas puras e por isso mesmo tornam-se objeto de pesquisas cada vez mais profundas.

Thomason (2001) afirma que onde há seres humanos vivendo em sociedade há contato de língua. Além disso, não há evidências de línguas que tenham se desenvolvido completamente isoladas. Esse contato pode ser mais ou menos intenso em alguns lugares e em alguma época específica. Tomando o Brasil como exemplo, e citando especificamente o caso de contato por imigração, tema do nosso trabalho, é evidente que no período que compreende a segunda metade do séc. XIX e o início do séc. XX o contato entre línguas foi muito intenso, principalmente nas regiões sul e sudeste, com o grande movimento imigratório a partir da Europa (destacadamente italianos, alemães e portugueses) e Ásia (destacadamente japoneses, sírios e libaneses), principalmente. O efeito mais comum desses contatos é a mudança de alguma língua, ou de todas elas. Pelo menos alguma língua vai exercer influência em ao menos uma língua e o tipo de influência mais comum costuma ser o empréstimo lexical. A autora considera que as línguas em contato podem seguir três caminhos: a mudança de língua induzida pelo contato<sup>3</sup>, a mistura extrema de línguas com a formação de pidgins, crioulos e línguas mistas e a morte de línguas.

As interpretações dos dois autores são bem semelhantes e diferem apenas no foco dado em cada trabalho. Enquanto a segunda considera que um dos efeitos do contato é a mudança induzida pelo contato, o primeiro menciona a *language shift*; os dois autores citam a formação de novas línguas; já o terceiro efeito do contato, todavia, é visto por Thomason pelo viés da morte de uma língua enquanto Winford prefere discutir a manutenção de língua, o que podemos entender como sua sobrevivência. De fato, Winford explora o tema da manutenção de línguas abordando as possíveis modificações que as línguas sofrem quando em contato, tais como empréstimos e *code-switching*. Tanto Thomason (2001) como Winford (2003) mencionam, e não poderia ser diferente, aspectos acerca de manutenção e morte de línguas.

Couto (2009) aprofunda a questão dos contatos e destaca, em primeiro lugar, a diferença entre os contatos interlinguísticos e intralinguísticos. Estes últimos são os contatos dentro de variedades da mesma língua tais como entre dialetos, idioletos, os intergeracionais e os contatos entre o indivíduo e a comunidade, e não são objeto de nosso trabalho. Neste trabalho vamos nos ater aos contatos interlinguísticos.

Ao contrário de Winford (2003), Couto (2009) não considera claramente como efeito do contato a manutenção da língua. Na verdade, podemos entender que essa possibilidade pode acontecer por certo tempo, mas não definitivamente. Após um período de convivência, as línguas são processadas nas mentes dos indivíduos e há duas possibilidades para o resultado final: *language shift* ou o nascimento de outra língua. A resistência de grupos minoritários às pressões exercidas pelo grupo majoritário é fadada a termo, é só questão de tempo. Haverá sempre uma língua mais forte e uma mais fraca, por motivos políticos, econômicos, bélicos ou apenas por maior prestígio de uma língua.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa. A expressão, em inglês, usada pela literatura é Contact-induced language change (THOMASON, 2001; WINFORD, 2003; MATRAS, 2009)

Entendemos com esses conceitos que a possibilidade da manutenção de uma língua minoritária e/ou sem prestígio quando submetida a contato tende a desaparecer, ou a se modificar. Embora haja casos de resistência a pressões externas com conseqüente manutenção de língua como forma de autoafirmação e defesa de identidade, a tendência é que mesmo nessa situação a língua desapareça, talvez em longo prazo, seja por glotofagia<sup>4</sup> ou glototanásia<sup>5</sup>.

O CL provoca alguns efeitos bastante conhecidos, tais como empréstimos, *code-switching* e convergência. São motivados pela interferência de uma língua em outra. O fenômeno da interferência, como definiu Weinreich (1953), são os casos de desvio da norma de uma ou outra língua onde há sujeitos bilíngües em contato. O autor dedica boa parte de sua obra ao estudo dos diversos tipos de interferência. Bem mais recentemente, Thomason (2001, p. 131-152) classifica sete mecanismos de interferência motivadores de mudança de língua induzida pelo contato<sup>6</sup>: *Code-switching; passive familiarity; negociation; second-language acquisition strategies; bilingual first-language acquisition; deliberate decision*.

Evidentemente a própria autora deixa clara a dificuldade de identificação de qual(is) fenômeno(s) acontece(m) numa situação de mudança de língua. Em regra geral há uma combinação de mais de um mecanismo no processo.

Ao discorrer sobre os tipos de situações de contato linguístico, Winford (2003, p. 11) nos mostra que, em geral, podemos dividi-las em três grandes campos: as que envolvem manutenção de língua, as que envolvem *language shift* e as que acarretarão a criação de novas línguas de contato. Entretanto, a autora deixa claro que há situações particulares que não se enquadram bem em uma ou outra categoria, mas navegam entre a manutenção e a *language shift*. Ainda de acordo com o autor, vamos explicitar os casos onde há manutenção.

Segundo Winford (2003, p. 11), manutenção de língua é a preservação da língua nativa de uma comunidade linguística de geração em geração. Significa dizer que a língua muda ao longo do tempo através das variações naturais que acontecem na sua estrutura interna e/ou limitado contato com outras línguas. De acordo com o tipo de contato, as línguas podem influenciar e/ou serem influenciadas em maior ou menor grau. O autor considera três situações<sup>7</sup>: *Borrowing<sup>8</sup> situations; situations of structural convergence; code-switching situations*.

A seguir, discorreremos acerca de alguns fenômenos, que escolhemos exemplificar no contexto do CL de imigração no Brasil.

---

<sup>4</sup> Como proposto em Calvet, Jean-Louis. *Langue et colonialisme: petit traité de glottophagie*. Payot: Paris, 1974

<sup>5</sup> Como proposto por Couto (2009, p. 51)

<sup>6</sup> Propomos as seguintes traduções: *code-switching*/(sem tradução, termo consolidado); Alternância de códigos (*code alternation*); Familiaridade passiva (*passive familiarity*); ‘Negociação’ (*negociation*); Estratégias de aquisição de segunda língua (*second-language acquisition strategies*); Aquisição de duas primeiras línguas (*bilingual first-language acquisition*); Decisão deliberada (*deliberate decision*).

<sup>7</sup> Em tradução livre: situações de empréstimo; situações de convergência estrutural; situações de *code-switching*

<sup>8</sup> Esse termo, regularmente traduzido por Empréstimo, vem sendo usado em diversos sentidos, portanto vamos manter a definição usada por Winford, colhida de Thomason & Kaufman (1988): é “a incorporação de características de outras línguas pela língua nativa de um grupo através de seus falantes”, em tradução nossa. Texto original: “the incorporation of foreign features in to a group’s native language by speakers of that language.”

## 1.1. *Code-switching*

O *code-switching* é efeito bastante conhecido do CL. Trata-se de um fenômeno ligado diretamente a interações bilíngues e/ou plurilíngues. Mozillo (2009), ao apresentar uma revisão dos registros científicos sobre o tema, aponta os trabalhos de Gumperz e Hymes (1972) como marco introdutório de importância para discutir a alternância de código não mais como um erro de desempenho de usuários de mais de uma língua. A partir de então o fenômeno passa a ser estudado e descrito como uma condição natural ou como uma estratégia de adaptação comunicativa presente em situações de bilinguismo e/ou plurilinguismo.

Como afirma Auer (1998), quando duas línguas são justapostas no discurso ou em uma frase, o fenômeno costuma ser nomeado de diversas formas tais como *language alternation*, *code-switching*, *code-mixing*. Neste trabalho vamos adotar o termo *code-switching*, com a definição proposta por Gumperz (1982, p. 59): “justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos<sup>9</sup>”.

Dentre as razões apontadas por Grosjean (1982) que levam ao uso do fenômeno do CS, citamos as seguintes: suprir uma necessidade vocabular, fazer uso de determinados marcadores discursivos, manter a conversa em uma determinada língua, especificar o interlocutor, personalizar a mensagem, marcar a identidade com o interlocutor, entre outras.

## 1.2. *Language shift*

Weinreich (1953) define *language shift* como a mudança de uso habitual de uma língua para outra. Winford (2003) conceitua o fenômeno como o abandono total ou parcial da língua nativa de um grupo em favor de outra, denominada *Target Language* (TL), que é a língua dominante. Esse último aponta para duas categorias distintas na ocorrência do fenômeno. A primeira compreende os casos de imigração de grupos minoritários, que mudam parcial ou completamente suas línguas para a língua dominante. Aqui se inclui o tema de nosso trabalho. Na segunda categoria incluem-se os casos de dominação territorial, por invasão ou colonização. A língua do invasor se torna dominante e as línguas das comunidades locais passam a ser abandonadas em seu favor. Os exemplos são fartos, sobretudo nas Américas.

Winford (2003, p. 15) considera ainda que em muitos casos a mudança é muito bem sucedida, com pouca ou nenhuma influência na TL. Exemplifica o caso dos EUA, em que no máximo até a terceira geração já se adquire proficiência nativa do inglês americano com êxito. Couto (2009, p. 51) descreve mais detalhadamente o fenômeno da transmissão linguística intergeracional nomeando-o como “Lei das três gerações”. Por outro lado, a TL pode sofrer variações sistemáticas com consequentes mudanças, influenciadas pelas línguas que foram perdidas, sejam elas de imigração ou das populações nativas. São diversos tipos de mudanças conhecidos por nomes diferentes: “interferência através de mudança”, “transferência”, “influência do substrato” e “imposição” são os mais conhecidos (WINFORD, 2003, p. 16). A esse respeito, Hickey (2010) considera que “no mundo anglófono essa *language shift* nem sempre deixou vestígios da(s) língua(s) original(is). A notável mudança das línguas nativas

---

<sup>9</sup> Em tradução nossa. Original: “juxtaposition within the same speech exchange of passages of speech belonging to two different grammatical systems or subsystems”.

para o inglês não afetou muito as formas gerais do inglês falado tanto nos EUA como no Canadá<sup>10</sup>. Não cremos que o mesmo se possa falar do PB<sup>11</sup>. Há consideráveis diferenças entre o PB e o PE atualmente, motivadas pelos constantes contatos aos quais se submeteu o português no Brasil praticamente desde o seu descobrimento, tanto por populações nativas como por povos imigrantes, tanto forçadamente, caso dos africanos, como espontaneamente, caso dos imigrantes europeus e asiáticos.

Os conceitos de *language shift* nos conduzem à inerente discussão sobre a morte de línguas. Romaine (2010) nos mostra que a *language shift* implica em perda de falantes e de ambientes comunicativos de uso, fundamentais para a sobrevivência de uma língua. Torna-se iminente quando a língua regularmente usada por uma comunidade em todos os ambientes comunicativos<sup>12</sup> passa a ser de uso restrito, a partir do momento em que outra língua invade<sup>13</sup> seu território. Normalmente a língua invasora prevalece em todas as áreas da ‘vida oficial’ (administração, escolas, meios de comunicação) e passa a exigir o bilinguismo por parte do grupo subordinado. Nessas condições, as gerações mais jovens preferem falar a língua dominante, pois está ligada a melhores condições socioeconômicas (ROMAINE, 2010, p. 320-321). Porém, há exceções e mesmo em contato com uma língua mais forte é possível que haja manutenção da língua minoritária.

### 1.3. Morte de línguas

Sempre que há contato duradouro de línguas haverá um período de bilinguismo. Quando esse bilinguismo é assimétrico e o grupo mais poderoso impõe sua língua a um grupo subordinado, os efeitos do contato são a *language shift*, que ocasionará a morte de uma ou mais línguas (ROMAINE, 2010). Durante o período de contato acontece a atrição<sup>14</sup> – ou desgaste – e a conseqüente decadência, ou obsolescência, e morte da L1 (THOMASON, 2001, p. 227; WINFORD, 2003, p. 16; COUTO, 2009, p. 57). Devemos destacar que a morte de uma língua nos casos de contato por imigração não corresponde necessariamente à sua extinção. Uma língua pode deixar de existir numa determinada região ou comunidade e permanecer bem viva em outra região. A língua vêneta, por exemplo, trazida pelos italianos da região do Vêneto<sup>15</sup>, sofreu naturais interferências do português, mas foi mantida no Rio Grande do Sul e é conhecida como Talian. Já no estado de Minas Gerais ela se perdeu. Processo inverso aconteceu com o pomerano, língua falada em uma região que compreende hoje parte da Alemanha e parte da Polônia. A língua pomerana só é usada atualmente nas regiões ocupadas por imigrantes.

---

<sup>10</sup> Tradução nossa. Texto original: “(...) in the anglophone world that *language shift* did not always leave traces of the original language(s). The considerable shift of native Americans to English has not affected general forms of English in either the USA or Canada.”

<sup>11</sup> Português Brasileiro, em oposição a PE (Português Europeu). As variedades do português na África não serão analisadas nesse trabalho.

<sup>12</sup> Por ambientes comunicativos seguimos a proposta de Savedra (2009, p. 121), que considera quatro grandes ambientes em que os indivíduos estão sempre inseridos: familiar, social, escolar e profissional.

<sup>13</sup> A invasão não é feita necessariamente pela força. Gumperz (1982) evidencia um caso cuja invasão se deu no plano socioeconômico (fronteira entre Áustria e atual Eslovênia)

<sup>14</sup> *Attrition*, no original em inglês e traduzido por Couto (2009, p. 85), do qual tomamos a definição: “processo gradual de perda de domínios de uso, de falantes e de material linguístico”.

<sup>15</sup> Região do nordeste italiano cuja capital é Veneza.

Embora a *language shift* seja o ponto de partida mais imediato para a morte de línguas, Romaine (2010, p. 320) nos lembra que as principais razões que acarretam essa morte não são linguísticas. Usuários não deixam de falar suas línguas de um momento para outro, como se houvesse um interruptor do tipo liga/desliga em seus organismos. Ao contrário, a expressividade da língua nativa dos indivíduos é tão única que provocou estudos dedicados e criação de teorias, como a hipótese de Sapir-Whorf<sup>16</sup>. O que acontece, na verdade, são pressões sobre a comunidade. Nas palavras de Romaine (2010, p. 320), “*language shift* e conseqüente morte ocorrem como respostas a pressões de vários tipos (social, cultural, econômica e até mesmo militar) sobre uma comunidade”<sup>17</sup>. Em outras palavras, os membros da comunidade se sentem pressionados e vão pouco a pouco deixando de usar suas línguas em benefício da língua dominante.

Thomason (2001) indica três caminhos que uma língua pode seguir antes de sua morte: a atrição, a substituição gramatical e a ausência de mudanças. Porém, ela mesma afirma que nem sempre essa classificação atende a todos os casos, e mesmo quando atende, ela parece muito mais pura do que é a realidade dos fatos. “Línguas em processo de morte apresentam um *continuum* de mais ou menos desvios lexicais e estruturais do corpus linguístico anterior ao início do processo de declínio em direção à morte”<sup>18</sup> (THOMASON, 2001, p. 227).

#### 1.4. Políticas de manutenção e revitalização

As ideias de política linguística e planificação linguística não são recentes. Os primeiros conceitos e os primeiros trabalhos a respeito surgiram já no final da década de 50, tendo se consolidado na década de 60. Como já vimos, a partir do conceito de *language planning*, introduzido por Haugen em 1959, surge o uso do termo *language policy*, bastante difundido por Fishman (1970). Nas décadas de 80 e 90, Calvet desenvolve os conceitos de políticas *in vivo* e *in vitro*, distinguindo entre as intervenções políticas *in vivo* como aquelas demandadas pelos próprios falantes, as que procedem da sociedade, e as intervenções políticas *in vitro*, como aquelas determinadas em gabinetes, impostas pela autoridade de quem tem o poder (CALVET, 1995; 1993)

Esses conceitos aparecem em estudos no Brasil no final da década de 90 e na década de 2000 identificamos ações para e promoção da diversidade linguística, com políticas de reconhecimento das línguas brasileiras e de fortalecimento de sua presença em variados âmbitos sociais, o que é promovido por uma política de cooficialização de línguas minoritárias, tanto autóctones como alóctones. Atualmente temos 9 línguas cooficiais em 11 municípios, sendo 5 indígenas e 4 de imigração. Esta política de reconhecimento e promoção da diversidade linguística das 230 línguas nacionais, atinge seu auge com a regulamentação e a implementação do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) através do Decreto Federal 7.387/2010. Morello (2012) ressalta que o pedido de abertura de um livro de

---

<sup>16</sup> Nos anos 30, os linguistas americanos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf desenvolveram uma teoria em que se propunha que a forma como as pessoas enxergam o mundo é expressa e/ou determinada pela língua que falam.

<sup>17</sup> Tradução nossa. Texto original: “*Language shift* and death occur as responses to pressures of various types (social, cultural, economic, and even military) on a community.”

<sup>18</sup> Tradução nossa. Texto original: “dying languages notoriously display a continuum of more and less lexical and structural deviation from the language state before the beginning of the slide toward death”.

registro específico para as línguas deu voz a muitas comunidades linguísticas invisibilizadas na história de constituição da nação brasileira e, ao mesmo tempo, trouxe especificidade a demandas já efetivadas ao IPHAN, para reconhecimento do patrimônio cultural ligado a determinadas línguas. A autora aponta as seguintes categorias histórico-sociológicas determinadas para o inventário das línguas brasileiras: a) indígenas; b) imigração; c) comunidades afro-brasileiras; d) sinais; e) crioulas; e) f) língua portuguesa e suas variações dialetais (CF. Morello, 2012 citando o Relatório de atividades do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil, 2007).

A implantação, pela primeira vez no Brasil, de uma política nacional de reconhecimento das línguas brasileiras através do INDL, aliada à crescente política de cooficialização de línguas por municípios em diferentes regiões do país marcam um novo papel do Estado em relação ao reconhecimento da pluralidade linguística nacional. Tal política tem resultado em várias investigações na área de documentação de línguas e tem sobretudo incentivado debates sobre a construção de políticas públicas participativas, que respeitem e promovam o direito às línguas em sua diversidade, o que vem resultando em várias ações de manutenção e revitalização de línguas minoritárias no país.

## **2. Fenômenos de contato linguístico**

Nesta sessão vamos apresentar três exemplos de situações de CL provenientes do contexto de imigração no Brasil.

Acreditamos que em cada situação de CL vários fenômenos podem ser reconhecidos e deste modo, mais de um efeito poderia ser apontado. Entretanto, selecionamos discutir em cada situação de CL apontada aquele que é objeto de estudo de pesquisas realizadas no âmbito do LABPEC-UFF (Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico) e de dissertações de mestrado e teses de doutorado do Programa de Estudos de Linguagem da UFF.

No contexto de imigração germânica, apontamos o fenômeno de manutenção e revitalização da língua e cultura pomerana em cinco municípios do Espírito Santo, a partir de ações de política linguística, que são responsáveis pela preservação do idioma na região: o Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO), criado em 2005; a edição de um dicionário em 2008 e a cooficialização da Língua Pomerana (2009).

No contexto de imigração italiana apontamos o fenômeno de *language shift* entre os imigrantes e as gerações seguintes no estado de Minas Gerais, mais especificamente na microrregião de Juiz de Fora em função da falta de unidade linguística entre os italianos e da situação de inferioridade econômica, política e social em contato com o estabilizado português.

No contexto de imigração japonesa apontamos o fenômeno do *code-switching* em duas comunidades nipônicas situadas no Estado de São Paulo – Aliança e Fukuhaku-mura – através de fragmentos de áudios coletados pela Universidade de Osaka na pesquisa intitulada “Contato e cruzamento linguístico - Programa COE (*Center of Excellence*) – século XXI”.

### **2.1 Manutenção/Revitalização da língua e cultura pomerana no Espírito Santo**

A imigração Pomerana no Brasil teve início na segunda metade do séc. XIX com a vinda de imigrantes provenientes principalmente da Pomerânia, do Hunsrück e do Tirol. O



pomerano ou *pomerisch* é um idioma originário do norte da Alemanha, da região da Pomerânia e é oriundo do *plattdeutsch*. O pomerano era uma língua oficial e escrita até o ano de 1600 e era bastante utilizada no comércio marítimo na Idade Média. A palavra Pomerânia designa, até hoje, uma região no nordeste da Alemanha e noroeste da Polônia.

Atualmente, o pomerano só é falado em comunidades de imigrantes no Brasil (Espírito Santo, Minas Gerais, Rondônia, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Há relatos de que o idioma é falado também nos Estados Unidos e na Austrália. Na Alemanha, ele é hoje praticamente desconhecido. Segundo Vollmer, o pomerano é usado em algumas zonas rurais do norte do país, no estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental – principalmente pelos idosos, na família ou entre amigos. Também há iniciativas no norte da Alemanha para valorizar o pomerano e alguns dialetos do alemão<sup>19</sup>. É o caso do projeto Pommersches Wörterbuch, na cidade de Greifswald, no estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, que coleta e documenta palavras para montar um dicionário. De acordo com Matthias Vollmer, chefe do projeto, a presença do *plattdeutsch* nas escolas e universidades tem aumentado há alguns anos, o que também está relacionado com a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, ratificada por Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental.

Este ano comemora-se 155 anos da imigração pomerana no estado do Espírito Santo, estado que abriga o maior número de descendentes pomeranos no país - 120 mil dos estimados 300 mil.

No âmbito da política de reconhecimento da diversidade linguística nacional, o pomerano foi a primeira língua de imigração do Brasil a ser co-oficializada, juntamente com o português. Hoje, seis cidades têm o pomerano como língua oficial. São elas: Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Pancas, Vila Pavão e Laranja da Terra, no Espírito Santo, e Canguçu, no Rio Grande do Sul.

Nos trabalhos de Höhmann (2011) e Savedra; Höhmann (2011; 2013) são relatadas as ações de política linguística implementadas para a manutenção do idioma no estado do Espírito Santo, bem como os processos de padronização que vem sendo desenvolvidos dentro da planificação linguística para a revitalização da língua na região.

O Pomerano desde sempre foi uma língua ágrafa, sem padronização. Como o pomerano na Europa está extinto e não há uma referência padrão, foi preciso criar um padrão e uma escrita. As migrações internas de famílias pomeranas dentro do Espírito Santo resultaram em mais do que em uma distribuição regional de variantes, o que é chamado de “famílietos” (HÖHMANN, 2011). A padronização tem como objetivo englobar estas variantes. A padronização é um dos primeiros passos em direção ao reconhecimento público e privado do pomerano e, conseqüentemente à sua manutenção e revitalização.

No início do séc. XX os colonos já tinham se instalado nas assim chamadas Terras Frias e nas Terras Quentes. A grande maioria dos pomeranos trabalhava na agricultura. Nesta época, não havia instituições de ensino nas áreas povoadas pelos imigrantes. As primeiras escolas foram criadas por instituições religiosas e fechadas durante a proibição do Estado Novo. Somente com a implementação do ensino obrigatório no Brasil foram abertas escolas públicas na região. Estas frequentemente não consideravam nem a L1 dos estudantes de ascendência pomerana, nem suas tradições. As razões para a atitude negativa em relação à educação por parte dos descendentes de pomeranos são numerosas. Por se tratar de uma

---

<sup>19</sup> <http://www.dw.de/esp%C3%ADrito-santo-investe-na-preserva%C3%A7%C3%A3o-da-l%C3%ADngua-pomerana/a-17884813>

região agrícola de imigrantes, os pais, até pouco tempo atrás, não consideravam a educação como algo útil para os fins de agricultura, mesmo porque não foram integrados no processo escolar, posto que nem sempre tiveram oportunidade de participar de reunião escolares pela dificuldade de compreensão da língua falada na escola. O horário escolar nem sempre é adequado às condições rurais (ciclo de verão/inverno na agricultura) e há a dificuldade de transporte escolar de alunos de fazendas distantes. A presença das crianças para ajudar na fazenda familiar sempre foi fator de relevância nestas comunidades de imigrantes. Além disso, há conflitos entre a visão de mundo da Igreja Luterana (religião da maioria dos descendentes pomeranos) e o sistema escolar público brasileiro.

Neste contexto, destacamos a grande importância do Projeto de Educação Pomerana - PROEPO, que objetiva integrar a realidade campesina pomerana ao currículo escolar. No contexto em referência, foi realizada uma planificação linguística que envolveu ações preliminares de política linguística, tais como: a) levantamento sociodemográfico do número de falantes; b) mapeamento linguístico do uso da língua em diferentes ambiente comunicativos: familiar, social, educacional e profissional e c) a representação linguística da língua minoritária.

Ao lado do mapeamento realizado, as secretarias de educação em trabalho conjunto com o IPOL (Instituto de Política Linguística) conseguiram a co-oficialização do pomerano nos municípios capixabas de Pancas e Santa Maria de Jetibá. É a primeira vez que uma língua alóctona se torna segunda língua de ensino ao lado do português no Brasil. Além disso, o Espírito Santo possui desde agosto de 2011 a Emenda Constitucional 11/2009, que inclui no artigo 182 da Constituição Estadual as línguas pomerana e alemã como patrimônios culturais.

O PROEPO é um exemplo de manutenção e revitalização de língua alóctone no Brasil. O Projeto, introduzido nas Secretarias de Educação de cinco municípios no Estado do Espírito Santo pretende o resgate da cultura e língua pomerana em regiões nos municípios com o maior índice de descendentes pomeranos mencionados anteriormente. No total são beneficiadas em torno de 50 instituições.

Os objetivos centrais do PROEPO, como divulgados em informativos da Secretaria de Educação da Prefeitura são: a) desenvolver um projeto pedagógico nas escolas públicas que valorize e fortaleça a cultura e a língua pomerana, representadas por meio da língua oral e escrita, danças, religião, arquitetura e outras tradições; b) identificar e promover estudos sobre aspectos sócio-culturais, tais como alimentação, trabalho, lazer, música, danças, narrativas, lendas, brinquedos e brincadeiras infanto-juvenis; c) valorizar a língua pomerana no ambiente escolar, promovendo a auto-estima dos alunos; d) trabalhar a importância da língua pomerana como símbolo da sua identidade étnica e sócio-cultural.

Nesta perspectiva, observamos uma postura positiva por parte das autoridades em relação à inserção da língua e cultura pomerana no ambiente escolar. Além da continuidade do uso oral da língua minoritária no ambiente familiar e social, o projeto defende a introdução do uso da escrita pomerana no ensino, com propostas de uma padronização linguística.

A padronização é um dos primeiros passos em direção ao reconhecimento público e privado do pomerano, que como língua oral dentro e fora da comunidade linguística onde é usado, nunca foi considerado como uma língua, como demonstra os resultados da enquête realizada com os falantes do pomerano na região estudada (HÖHMANN, 2011). Uma ortografia padrão além de aumentar a variedade dos domínios do uso da língua pomerana

pode elevar o status da língua dentro da comunidade, fortalecer seus valores e contribuir para um reconhecimento oficial da língua.

O projeto PROEPO, portanto, contribui para normalizar o uso da língua pomerana entre os professores e para regular e ajuda a fortalecer uma nova confiança e uma atitude linguística positiva.

No âmbito do projeto, também é prevista a formação de professores locais. Os seminários, financiados pela administração regional, são realizados mensalmente, com duração de três horas. Em uma primeira fase, aspectos culturais e históricos são discutidos e numa segunda fase é iniciado o ensino da ortografia e da gramática. O curso ainda prevê a inclusão de módulos para inclusão de vários temas que contemplem a diversidade identitária e cultural da região.

A pesquisa em relação a frequência de uso do pomerano na interação com os professores mostrou que cerca da metade dos alunos pesquisados afirmaram que nunca usam a língua minoritária como um meio de comunicação com seus professores (HÖHMANN, 2011). Os dados refletem o fato de cada vez mais professores externos serem empregados, por falta de profissionais da região. O número ainda insuficiente de professores com habilitação para ensinar o idioma é uma das restrições para a expansão do programa. Uma alternativa adotada no município é ter três professores trabalhando de forma itinerante, lecionando em diversas escolas rurais.

O programa conta, hoje, com 15 professores itinerantes e seis regentes de classe. Todos eles já eram falantes quando participaram do curso de capacitação ministrado pelo etnolinguista Ismael Tressmann. Durante a formação, foram abordados aspectos históricos, culturais e linguísticos do povo pomerano, além das regras gramaticais.

Além do ensino regular nas escolas, o pomerano é valorizado também por meio de publicações. Fundamental para elevar o status da língua também dentro do corpo docente foram as publicações dos livros em língua pomerana. Tressman lançou o dicionário enciclopédico pomerano-português, ou Pomerisch-Portugugijsisch Wöirbau. A obra, publicada em 2006, é resultado das pesquisas que ele começou em 1995 e contém 16 mil verbetes.

O PROEPO também incentivou a criação de uma coleção de histórias escritas e contadas dos pais e avós. Esta publicação foi uma contribuição importante tanto para preservar as histórias, costumes e tradições, bem como para compilar material de texto. Tressmann publicou juntamente com a Enciclopédia Ilustrada Pomerana o livro de leitura "Upm land up pomerisch sprach," uma coleção de contos de doze escritores de origem pomerana de Espírito Santo e Rondônia. As histórias são relacionadas principalmente a língua pomerana, a agricultura, artesanato, e a flora e fauna brasileiras. As duas publicações foram distribuídas às escolas participantes do projeto e já são utilizadas nas salas de aula.

Como parte do processo de oficialização da língua pomerana, foi realizado em Santa Maria de Jetibá um censo linguístico. Mais de 24 mil pessoas responderam ao questionário nas duas etapas do censo, em 2009 e em 2012, cujos resultados, segundo dados obtidos junto ao IPOL, estão em vias de serem publicados.

O programa revitalização linguística é um projeto pioneiro em língua e cultura pomerana, e, portanto também necessita do desenvolvimento de materiais de ensino. Assim, juntamente com a co-oficialização e a implementação do idioma no currículo escolar a

produção de material didático e escrito é também uma ação de manutenção e revitalização do pomerano no ambiente escolar.

Dados recentes demonstram que o atual projeto já apresenta um impacto positivo, melhorando o índice de aprovação dos alunos participantes do programa nas respectivas escolas (TRESSMANN, DW, 2014).

Até bem pouco tempo a política brasileira é identificada como sendo a política de uma identidade nacional unificada, que sempre ignorou a pluralidade linguística do país. Ações de intervenção política como a que relatamos neste estudo ainda são recentes no Brasil. Demonstram, acima de tudo, a importância de considerarmos a diversidade linguística, cultural e identitária deste país, promovendo ações de inclusão e de cidadania linguística.

No âmbito dos estudos sobre língua, cultura e identidade, as ações do PROEPO emergem como inovadoras no âmbito das ações de política e planificação linguística diligenciadas pelo Estado, mobilizadas fortemente por instituições de representação civil não-governamentais (como no caso do IPOL).

Ainda ressaltamos no projeto o desenvolvimento de uma educação intercultural, que de forma sistemática desenvolve, quer nos grupos majoritários, quer nos minoritários: a) melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas; b) maior capacidade de comunicar entre pessoas de culturas diferentes; c) atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural, através da compreensão dos mecanismos psicossociais e dos fatores sócio-políticos capazes de produzir racismo; d) maior capacidade de participar na interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade. (SAVEDRA, HÖHMANN, 2013)

Tais ações acima descritas exemplificam o fenômeno da manutenção e da revitalização de línguas minoritárias alóctonas no Brasil e são plenamente justificadas através dos efeitos de uma política linguística de preservação de línguas minoritárias e de reconhecimento da diversidade linguística nacional.

## **2.2 *Language shift: italianos em Minas Gerais***

A partir da segunda metade do século XIX a imigração de europeus para o novo mundo foi intensa. Nesse movimento migratório destacam-se os italianos, que se deslocaram em grande quantidade para toda a América. Brasil, Argentina e Uruguai foram os maiores receptores de imigrantes italianos na América do Sul. Além dos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, Minas Gerais também recebeu expressivo contingente, em virtude de acordo entre os governos mineiro e italiano.

Há inúmeros estudos e pesquisas sobre imigração italiana no Brasil, quase todos em perspectiva histórica. Poucos abordam a questão linguístico-cultural. Frosi & Raso (2011, p. 318-319) descrevem diversas razões para essa lacuna, entre elas a proposital negação da importância dos europeus e asiáticos na formação da identidade brasileira. O fenômeno migratório parecia ser mais parte da história dos povos emigrantes do que parte da história do Brasil. “O Rio Grande do Sul é uma exceção, pois o fenômeno linguístico-cultural adquiriu formas impossíveis de serem escondidas” (GAIO, 2013, p. 6).

A principal porta de entrada dos imigrantes no estado era a cidade de Juiz de Fora, localizada próximo à divisa com o estado do Rio de Janeiro, com o qual se ligava pela estrada União-Indústria, a primeira estrada da América Latina. Na cidade mineira, eram triados na

“Hospedaria de imigrantes de Juiz de Fora”, conhecida como Hospedaria Horta Barbosa. O perfil dos italianos, maioria absoluta entre todos os estrangeiros<sup>20</sup>, que chegavam em terras mineiras era culturalmente e linguisticamente variado. Embora em grande quantidade, provinham de toda a península itálica e eram, na grande maioria, dialetófonos. As diferenças culturais e linguísticas entre eles era um entrave a um reconhecimento identitário comum. A Itália fora unificada poucos anos antes, em 1861, e que entre tantas línguas<sup>21</sup> faladas na península apenas uma delas, o dialeto *fiorentino*<sup>22</sup>, língua de Dante Alighieri, fora a escolhida para assumir o papel de língua nacional.

A esse propósito retomamos a célebre frase proferida por Massimo D’Azeglio, importante político, escritor e pintor italiano da época: “*ora che l’Italia è fatta bisogna fare gli italiani*” (fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos)<sup>23</sup>, que evidencia a lacuna de reconhecimento identitário entre os italianos.

A partir desse ponto o italiano, já oficial, começou a ser utilizado em todo o território italiano e a disseminação da língua nacional passou a ser mais eficaz, através, principalmente de meios de comunicação escritos e escolas. No entanto, é nesse mesmo período que a Itália experimenta uma expressiva emigração de trabalhadores de diversas partes do país em busca de melhores condições de vida no exterior.

Juiz de Fora, nessa época, vivia um período de expansão industrial, e carecia de mão de obra especializada. Os imigrantes italianos, que muitas vezes alegavam serem trabalhadores rurais para poderem sair da Itália sem inconvenientes burocráticos, acabaram por preencher vagas nas pequenas indústrias e também na construção civil, onde tiveram particular destaque (GAIO, 2013).

Essa situação vem de encontro a uma crença de que imigrantes italianos vieram para Minas Gerais para trabalhar na lavoura, substituindo mão de obra escrava, como rezava o contrato entre os governos mineiro e italiano. Na verdade, os italianos acabaram por ocupar a área urbana de Juiz de Fora. Gaio (2013, p. 16) ressalta a questão da ocupação urbana pelos imigrantes italianos apontando a citação de Rodrigues (2009, p. 66): “a presença de imigrantes nesses dois municípios<sup>24</sup> se apresentou muito mais relacionada às atividades urbanas que à produção agrícola”.

A fase de atrição ocorrida nesse contato certamente não foi longa. Há vários indícios que apontam para uma adaptação bastante rápida dos imigrantes à cultura e língua locais, entre eles a relativa semelhança entre as línguas em contato, todas de origem latina, e a exogamia. Gaio (2013) observa que os descendentes de imigrantes italianos não se restringiam a contrair matrimônio com italianos, gerando famílias mistas com brasileiros e descendentes de outros povos. Igualmente, não há na cidade e nem na microrregião um bairro ou localidade que seja marcada por alta concentração de italianos e descendentes. Em Juiz de Fora, atualmente, “é muito raro, senão impossível, encontrar famílias inteiramente italianas, ou seja, famílias compostas exclusivamente por italianos e/ou descendentes de italianos” (p. 55)

---

<sup>20</sup> Entre os anos de 1888 e 1901 foram registrados 18139 núcleos familiares na Hospedaria, o que representava 88% do total de famílias estrangeiras. (Cf. GAIO, 2013)

<sup>21</sup> Os diversos dialetos regionais, falados até hoje.

<sup>22</sup> De Florença (*Firenze* em italiano), capital da região italiana da Toscana.

<sup>23</sup> Cf. GAIO, 2013, p. 7

<sup>24</sup> Os dois municípios são Juiz de Fora e Belo Horizonte.

O panorama descrito, no contexto de CL, mostra que em Juiz de Fora não houve o contato entre apenas duas línguas, o italiano e o português. Na verdade, houve o contato entre o português e as diversas línguas faladas pelos italianos, e essas não tinham prestígio algum, uma vez que não tinham status de língua nacional. Além disso, os imigrantes eram em sua maioria analfabetos e em situação econômica inferior aos brasileiros que os recebiam. Some-se ainda a isso a imigração de tipo urbana, na qual há contato frequente com o PB socialmente, economicamente e politicamente mais prestigiado. Essas condições eram perfeitas para que houvesse interesse na apropriação da variedade da língua portuguesa local, além da não transmissão de língua às gerações seguintes.

Evidenciamos, então, o processo de *language shift* em Juiz de Fora, no contato entre as línguas dos imigrantes italianos e a variedade local do PB. A ‘mudança de uso habitual de uma língua para outra’, nas palavras de Weinreich (1953), ou o ‘abandono total ou parcial da língua nativa de um grupo em favor de outra, denominada *Target Language* (TL), que é a língua dominante’, nas palavras de Winford (2003) é observada em toda a microrregião de Juiz de Fora. O tipo de *language shift* ocorrido enquadra-se na primeira categoria na classificação de Winford, que compreende os casos de imigração de grupos minoritários para territórios ocupados e estabilizados política, econômica e socialmente.

De consequência, atestamos também a ocorrência da “lei das três gerações”<sup>25</sup>, como apontado por Couto (2009); numa região com expressiva quantidade de descendentes de italianos já não encontramos comunidades de fala italiana, a pouco mais de cem anos do período do movimento imigratório delimitado nesse trabalho.

Algumas marcas culturais, porém, permaneceram por longo tempo. Verificamos que há ainda forte identificação com a italianidade por parte de descendentes de imigrantes acima de 40 anos de idade, e que essa identificação vem se perdendo nas gerações mais jovens, sobretudo os de idade inferior a 30 anos (GAIO, 2013). Na microrregião delimitada para nosso estudo destaca-se o município de Pequeri, distante 67 km de Juiz de Fora. Ações da prefeitura têm buscado valorizar as origens italianas de boa parte da população. Numa ação inovadora, a língua italiana vem sendo oferecida nas escolas municipais, de ensino fundamental. Há também iniciativas de cunho cultural promovidas pela prefeitura que buscam resgatar as origens italianas do município. Na continuação de sua pesquisa Gaio investigará em que medida essa ação de política in vitro promovida pela prefeitura de Pequeri se relaciona com movimentos sociais in vivo.

### **2.3 O *code-switching* em comunidades de imigração japonesa**

Em 1902, o governo italiano, através do Decreto *Prinetti*, proíbe a imigração italiana financiada pelo governo do Estado de São Paulo. O número de imigrantes vindos da Itália começa a diminuir (CROCI, 2011: 91). Como resultado, os fazendeiros tiveram que procurar uma solução para a falta de mão de obra nas lavouras:

---

<sup>25</sup> Nas palavras de Couto: “De acordo com ela [a lei das três gerações], a primeira geração (quando migra já adulta) aprende quando muito uma variedade pidginizada da língua hospedeira. Os seus filhos geralmente aprendem a língua do país hospedeiro e a dos pais, sendo, portanto, bilíngues, continuando a usar a língua original em todas as interações intragrupais. Os netos, porém, tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo, quando muito, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. A quarta geração frequentemente quase não tem nenhum conhecimento da língua dos antepassados”.

A excepcionalidade da conjuntura abriu o caminho para a “solução japonesa”, que oferecia, ao mesmo tempo, mão de obra para as fazendas e a possibilidade de abrir um novo mercado capaz de absorver o excedente de café. Graças a um acordo entre o governo de São Paulo e a Companhia Imperial de Emigração Japonesa em 1907, entregava-se a esta – a título de ensaio – a tarefa de importar três mil súditos do império oriental em três anos (CROCI, 2011: 91).

O Japão, após sua vitória na Guerra Russo-Japonesa em 1905, não consegue criar uma situação de prosperidade no país, o que resulta na insatisfação de seu povo e incentiva os japoneses a emigrar para trabalhar e juntar dinheiro. Em 1908 chegam ao Brasil as primeiras famílias japonesas no navio *Kasato Maru*. Segundo Célia Sakurai (2008: 245)

os japoneses começaram a vir para o Brasil em caráter experimental a partir de 1908 em viagens subsidiadas por fazendeiros de café. Brasil e Japão tinham um tratado de comércio assinado desde 1895 e era necessário ativá-lo com alguma atividade que fosse do interesse de ambos os países. Do lado japonês, o governo precisava aliviar a carga demográfica e, com isso, diminuir os protestos populares por melhores condições de vida e trabalho no país. Do lado brasileiro, havia interesse de exportar café para o Japão (...) e de receber mão-de-obra para a lavoura cafeeira.

Sakurai (2008: 245) destaca que, diferentemente de outros países, o Brasil recebeu famílias japonesas de diversas regiões do Japão, o que nos permite afirmar que “aqui se criou um pequeno Japão, reproduzindo a diversidade cultural e linguística existente na terra natal dos imigrantes”.

Os imigrantes japoneses trouxeram inúmeros benefícios ao Brasil: trabalharam duro nas lavouras, devotaram-se à agricultura, buscando melhorias e novas técnicas que aumentaram a produção. Eles “introduzem novos itens na mesa dos brasileiros, trazendo diferentes sabores e cores para as nossas refeições” (SAKURAI, 2008: 249). Além disso, os japoneses começaram a formar cooperativas e a chamar a atenção por sua maneira de agir em sociedade, formando colônias que intensificavam sua força na agricultura e comércio.

O ensino de língua japonesa nas colônias nipônicas era extremamente incentivado, pois, a maioria das famílias, tinha a intenção de juntar dinheiro e retornar ao Japão em melhores condições de vida. Contudo, perseguições e políticas brasileiras como “a política de nacionalização do governo Vargas no período do Estado Novo limitou as atividades dos japoneses, como o ensino da língua e a publicação em língua japonesa” (SAKURAI, 2008: 253).

A situação piorou com a Segunda Guerra Mundial: os imigrantes japoneses sofreram represálias e chegaram a ser proibidos de usar a língua japonesa. O fim da guerra e a derrota do Japão foram responsáveis pela mudança de planos de inúmeras famílias japonesas: muitas decidiram permanecer no Brasil com medo do clima de incerteza nas terras nipônicas após a perda no conflito ocasionada por um inesperado evento: o ataque de bombas atômicas lançadas pelos americanos em Hiroshima e Nagasaki. Essa situação de opressão e proibição do uso da língua materna em território brasileiro praticamente obriga aos japoneses a aprender a língua portuguesa: requisito mais do que necessário para viver e trabalhar em nosso país.

Apesar dos prejuízos sofridos ao longo de sua história de imigração no Brasil, os japoneses continuaram a progredir em solo brasileiro:

Na década de 1970, começaram a explorar o cerrado num projeto conjunto com o governo brasileiro, estendendo as áreas cultiváveis do país. Produziram maçãs e peras no sul do Brasil, frutas tropicais para a exportação no nordeste, desenvolveram a cultura da juta e da pimenta do reino na Amazônia, continuando a reforçar a “vocação” agrícola dos seus antecessores de antes da guerra (SAKURAI, 2008: 258).

Os japoneses superaram as dificuldades de se adaptar a um novo país, demasiadamente diverso ao Japão, conseguindo combinar o que era necessário para prosperarem em terras brasileiras: adequaram a força do trabalho em sociedade com o esforço por melhorias nas atividades que desempenhavam, alcançando avanços importantes para diversos setores brasileiros, principalmente a agricultura e o comércio.

Além das influências na cultura e agricultura brasileira, o contato entre japoneses e brasileiros também resultou em fenômenos linguísticos, tais como empréstimos lexicais – jud , caqui, carat , entre outros casos – e até mesmo modificou a língua falada pelos japoneses no Brasil. Pesquisas realizadas em comunidades nip nicas em território brasileiro salientam diversos fenômenos linguísticos ocasionados pelo contato entre as línguas japonesa e portuguesa.

Neste estudo selecionamos discutir o fenômeno do *code-switching*. Como já dissemos anteriormente, adotamos o conceito de Gumperz (1982: 59), que o define como “a justaposi o dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”. Trata-se de um fenômeno frequente na fala de japoneses em comunidades no Brasil.

Gardenal (2008) em sua disserta o de mestrado intitulada “*A alternância de código nas falas de nipo-brasileiros de Aliança e Fukuhaku-mura dos informantes isseis na pesquisa: as línguas faladas nas comunidades Nikkei do Brasil*” disserta sobre o *code-switching* em duas comunidades japonesas no Estado de São Paulo, uma situada a 30 km da capital e outra a 600 km. Em sua investiga o, ele analisa grava es de áudios da pesquisa intitulada “Contato e cruzamento linguístico - Programa COE (*Center of Excellence*) – século XXI” realizada pela Universidade de Osaka. Através da análise dos áudios   possível perceber como a língua japonesa utilizada pelos informantes em comunidades nip nicas no Brasil sofre varia es resultantes do contato linguístico com a língua portuguesa. O fragmento que segue, retirado do trabalho supracitado, exemplifica o fenômeno do *code-switching* em uma dessas comunidades analisadas:

Valoriza o da língua japonesa / da condi o de Nikkei: questões referentes à importância de um descendente aprender a língua japonesa:

Doc2: e...mas a senhora acha que ... para uma pessoa... como um descendente Nikkei é importante saber japonês?

Inf.:   lógico! Minha mãe sempre falava *nihonjin no kao shitara nihongo shaben* (se tem cara de japonês, conversar em japonês) n ... apesar de que os neto dela não falam ((risos)) s  *katagurushii koto* ( coisas rígidas) n ... só pra *bachan* (av ) entender eles falam mas assim entre as tias assim não” ( GARDENAL, 2008: 24).



A alternância de códigos na fala dos indivíduos investigados exemplifica como o contato entre línguas resulta em importantes modificações linguísticas. O fragmento acima ilustra ocorrências que são bastante comuns na conversação entre japoneses no Brasil. Porém, devemos destacar que essa alternância entre as línguas portuguesa e japonesa pode ser menos ou mais frequente de acordo com o nível de bilinguismo dos indivíduos. Nos áudios analisados por Gardenal (2008) em sua dissertação foram selecionadas as gravações dos *isseis* – japoneses de primeira geração. Essa escolha foi feita, levando em consideração que os japoneses de primeira geração possuem como língua materna a língua japonesa, mas estão em contato com o português por um longo período de tempo, já que por serem mais velhos, chegaram ao Brasil principalmente na época em que houve um *boom* da imigração japonesa.

Segundo Gardenal (2008) durante muitas entrevistas, apesar de o entrevistador tentar induzir aos entrevistados a falar em português, em vários casos o uso da língua japonesa sobressaiu ao uso da língua portuguesa. O fragmento de entrevista abaixo exemplifica esse caso:

Inf.: *Sou, sou hanashimasu.*

Doc.: então a senhora fala, e lê também... e escreve também?

Inf.: É escreve.... *shimasu yo.*

Doc.: A senhora lê mais jornais, revistas assim?

Inf.: *Ah burajirugo no amari minai kedo nihongo no nikkei toka, mimasu.*

*Burajiru go no notishia ne, nyusu ne, terebi de daitai mite orimasu. Are ga deteru koto wa atode shinbum ni nottoru* (GARDENAL, 2008: 43).

Mesmo nos casos em que a língua japonesa é usada com mais frequência, como no exemplo acima, há alternância de códigos. Percebemos que o informante usa a palavra “notishia” no meio de sua fala em língua japonesa. Além de inserir esse léxico da língua portuguesa, o informante pronuncia “notishia”, mesclando fonemas das línguas japonesa e portuguesa.

Este exemplo de contato selecionado para discutir o CS demonstra como esse é um fenômeno de CL comum às interações bilíngues. Além disso, induz ao reconhecimento de uma identidade particular de cada interlocutor e de seu domínio linguístico no par de língua em questão.

### **Considerações finais**

A breve revisão bibliográfica sobre os fenômenos e efeitos de CL que apresentamos confirma a complexidade do tema e sua relevância no âmbito dos estudos de linguagem.

Os casos que descrevemos para ilustrar alguns fenômenos e efeitos de CL no contexto da imigração germânica, italiana e japonesa no Brasil são representantes da diversidade de CL do mosaico plurilíngue nacional.

Nosso propósito com esse artigo é ilustrativo e pragmático. Para aprofundamento do tema, sugerimos algumas leituras recentes que albergam trabalhos teóricos e de descrição de casos. *The handbook of language and change*, editado por Raymond Hickey (2013); *The Handbook of Language Variation and Change*, editado por Chambers e Schillings (2013); Além dessas duas obras gerais também citamos o trabalho de Muysken (2013) sobre efeitos do CL como resultados de estratégias de otimização bilíngue. O autor propõe um modelo com quatro divisões em que se enquadram os vários tipos de CL, que se baseia nas estratégias dos falantes quando em situação de contato. Quem decide a estratégia mais adequada a uma

situação de CL são os falantes, porém esses dependem da comunidade de fala em que estão inseridos. Na verdade, as escolhas não são individuais, elas dependem de fatores externos e internos. "Falantes são indivíduos, entretanto são parte de redes e de comunidades de fala".

### **Language contact and immigration in Brazil: maintenance/revitalization, language shift and code-switching phenomena**

ABSTRACT: In this paper we propose a brief literature review of concepts and types of contact languages, from classical studies and studies that discuss phenomena of contact effects from the same causes. We have delimited the discussion to the context of immigration in Brazil and selected three situations to exemplify CL ( German, Italian and Japanese immigration ). We illustrate, in a theoretical and methodological perspective, the phenomena of maintenance /language revitalization, language shift and code-switching, with surveys conducted in LABPEC - UFF group studies and the Language Studies Program of Universidade Federal Fluminense.

Kew-words: Language contact; immigration languages; language revitalization; languageshift; code-switching.

### **Referências bibliográficas**

AUER, P. *From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Toward a Dynamic Typology of Bilingual Speech*. InLiSt, Freiburg, n. 6, p. 1-28, set/1998

BORTONI-Ricardo, S. M. *The urbanization of rural dialect speakers in Brazil*. Cambridge : Cambridge University Press, 1985

CALVET, L. J. *Sociolinguistique*. Press Universitaires de France: Paris, 1993.

\_\_\_\_\_. *La politique Linguistique*. Press Universitaires de France: Paris, 1996

CAVALCANTI, M. *Estudos sobre educação bilingue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil*. In: D.E.L.T.A. Vol. 15, N. Especial, p. 385-417, 1999.

CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2013, 2º ed.

CROCI, F. *A imigração no Brasil*. IN: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Org.) *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 73-120.

COUTO, H. H. *Linguística, ecologia e ecolinguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

DE MAURO, T. *Storia linguística dell'Italia unita*. Bari: Editori Laterza, 1991.

FISHMAN, J. *Sociolinguistics: a brief introduction*. Rowley, Mass: Newbury House, 1970

GAIO, M. L. M. *Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação*. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013

\_\_\_\_\_; SAVEDRA, M. M. G. *Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora*. VEREDAS, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 357-375, 2013

GARDENAL, L. M. S. *A alternância de código nas falas de nipo-brasileiros de Aliança e Fukuhaku-mura dos informantes isseis na pesquisa: as línguas faladas nas comunidades Nikkei do Brasil*. 2008. 270 f. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística) – Departamento de Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GRENOBLE, L. A.; WHALEY, J. L. *Saving Languages. An introduction to language revitalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GROSJEAN, F. *Life with two languages. An introduction to bilingualism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982

GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

HICKEY, R. *The handbook of language contact*. Oxford: Blackwell, 2013

HAUGEN, E. *Language Planning in Modern Norway*. (1959 [1961]) In: DIL, A. S. *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *The Ecology of Language (1971)*. In: DIL, A. S. *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972.

HÖHMANN, B.; SAVEDRA, M. M. G. *Das Pommerische in Espírito Santo: Ergebnisse und Perspektiven einer soziolinguistischen Studie*. *Pandemonium*. São Paulo, n. 18, p. 283-300, Dez. /2011, [www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum](http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum)

HÖHMANN, B. *Sprachplanung und Spracherhalt innerhalb einer pommerischen Sprachgemeinschaft: Eine soziolinguistische Studie in Espírito Santo / Brasilien*. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 2011.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

MORELLO, R.; MULLER DE OLIVEIRA, G. *Uma política patrimonial e de registro para as línguas brasileiras*. IPOL, 2009: <http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=475> (09/03/2010)

MOZILLO, I. *O code-switching: fenômeno inerente ao falante bilíngue* PAPIA, São Paulo, v. 19, p. 185-200, 2009.

MUFWENE, S. S. *Language evolution: contact, competition and change*. Londres: Continuum International Publishing Group, 2008.

MUYSKEN, P. *Language contact outcomes as the result of bilingual optimization strategies*. *Bilingualism: Language and Cognition*, Cambridge University Press, v. 16, n. 4, 2013, p. 709–730

PROEPO. Informationsblatt der Secretaria Municipal de Educação Santa Maria de Jetibá, 2006.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR POMERANA – PROEPO. [http://www.seplag.rs.gov.br/upload/Painel\\_54\\_Sintia\\_Bausen\\_formatado.pdf](http://www.seplag.rs.gov.br/upload/Painel_54_Sintia_Bausen_formatado.pdf). Sintia Bausen, Ismael Tressmann et alii, s.d.

RODRIGUES, Maysa Gomes. *Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais (1888-1912)*. 2009. 400f. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009

ROMAINE, S. *Contact and language death*. In: HICKEY, Raymond. *The handbook of language contact*. Oxford: Blackwell, 2010, p. 320-339

SAKURAI, C. *Os japoneses*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SAVEDRA, M. M. G.; LAGARES, X. C. *Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil*. *Revista Gragoatá*, EDUFF, vol. 32, 2013

\_\_\_\_\_; SALGADO, A.C.P (orgs.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

\_\_\_\_\_; HÖmann A formação de professores bilíngues em projetos de revitalização de língua de imigrantes: o caso do PROEPO. In: MOLLICA, M. C.; GOMES DA SILVA, C. P.; BARBOSA, M. F. (orgs.) *Olhares transversais em pesquisa, tecnologia e inovação: o desafio da educação formal no século XXI*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012 p. 223-240

SERIANNI, L.; ANTONELLI, G. *Manuale di linguistica italiana: storia, attualità, grammatica*. Milano: Mondadori, 2011

THOMASON, S. *Language contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001

TRENTO, A. *Os italianos no Brasil*. São Paulo: Bardella, 2000

TRESSMANN, I. *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português. Pomerisch Portugijsisch Wöirbauk*. Santa Maria de Jetibá: Secretaria de Educação, 2006.

UNESCO. Language Vitality and Endangerment. Disponível na Internet via WWW. URL: [http://portal.unesco.org/culture/en/files/35646/12007687933Language\\_Vitality\\_and\\_Endangerment.pdf/Language%2BVitality%2Band%2BEndangerment.pdf](http://portal.unesco.org/culture/en/files/35646/12007687933Language_Vitality_and_Endangerment.pdf/Language%2BVitality%2Band%2BEndangerment.pdf). Arquivo capturado em 20 de junho de 2007.

WEINREICH, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. Mouton Publishers: The Hague, 1953.

WINFORD, D. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

WRIGHT, S. *Language Policy and Language Planning: From Nationalism to Globalisation*. Great Britain: Palgrave, 2004.

Data de envio: 31/10/2014

Data de aceite: 04/04/2015

Data de publicação: 04/08/2015